

# TERRAMOTO, SOMBRA, O INÍCIO DO MUNDO

DANIEL BARROCA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - ICS

(PORTUGAL)

**Daniel Barroca** studied Fine Arts at ESAD.CR, Ar.Co, and Ashkal Alwan. He was an artist-in-residence at Künstlerhaus Bethanien, Rijksakademie van Beeldende Kunsten, and the Drawing Center. He completed a Master's in Anthropology at the University of Florida with a Fulbright scholarship. He is currently pursuing a PhD in Anthropology at the University of Lisbon with an FCT scholarship.

**Corresponding author**

Daniel Barroca  
dbarroca@ulisboa.edu.pt  
Instituto de Ciências Sociais (ICS)  
Av. Prof. Aníbal Bettencourt 9  
1600-189 Lisboa  
Portugal

**Acknowledgements**

Text translated from a version originally published in the catalogue of the Anozero'24 Coimbra Biennial, 2024

**Schedule for publication**

Paper Submitted: 5th July 2023  
Accepted: 18th September 2023  
Published online: 30th December 2024

## Resumo

Este texto é sobre Victor Bor, Tio Jorge e Ntombikte Na Natchi, que em meados dos anos 1980s, sentiram o terramoto interior do *Kyangyang*, a “Sombra” em Balanta Kuntohe. Este fenómeno teve lugar durante o período em que Nino Vieira foi o presidente da república da Guiné-Bissau, entre 1980 e 1998, e em que o psiquiatra holandês Joop de Jong dirigia o hospital psiquiátrico de Bissau. O *Kyangyang* ficou para a história como um movimento messiânico pós-colonial que provocou enorme turbulência no seio da comunidade Balanta deste pequeno território da África ocidental. De uma forma geral, tanto as pessoas que fizeram parte do movimento como as que estavam à sua volta, descrevem-no como composto por pessoas que haviam sido apanhadas pela Sombra, ou seja, que de modo súbito e sincronizado viram e ouviram os mortos revelarem-lhes os segredos da escrita e da cura. Victor Bor descreve visões de luzes e explosões que, por vezes, se confundem com episódios da guerra de libertação que se havia passado uma década atrás, mas também com a guerra civil que no final dos anos 1990s destruiu o hospital psiquiátrico projetado por Joop de Jong. Tio Jorge, o irmão da mulher que logo nos anos 1980s se tornou na profetiza do *Kyangyang*, disse numa conversa que tivemos em Bedanda em 2019, sul da Guiné-Bissau, que tudo começou com um pequeno tremor de terra.

**Palavras-chave:** Desenho/Escrita Talismânica/Sonhos/Guiné-Bissau/Kyangyang

## Abstract

This text is about Victor Bor, Tio Jorge and Ntombikte Na Natchi, who in the mid-1980s felt the inner earthquake of *Kyangyang*, the “Shadow” in Balanta Kuntohe. This phenomenon took place during the period when Nino Vieira was president of the Republic of Guinea-Bissau, between 1980 and 1998, and when Dutch psychiatrist Joop de Jong ran the psychiatric hospital in Bissau. The *Kyangyang* went down in history as a post-colonial messianic movement that caused enormous turbulence within the Balanta community of this small West African territory. In general, both the people who were part of the movement and those around them describe it as being made up of people who had been caught up in the Shadow, i.e. who suddenly and synchronously saw and heard the dead reveal to them the secrets of writing and healing. Victor Bor describes visions of lights and explosions that are sometimes confused with episodes from the liberation war that took place a decade ago, but also with the civil war that at the end of the 1990s destroyed the psychiatric hospital designed by Joop de Jong. Tio Jorge, the brother of the woman who became the prophetess of *Kyangyang* in the 1980s, said in a conversation we had in Bedanda in 2019, in southern Guinea-Bissau, that it all started with a small earthquake.

**Keywords:** Drawing/Talismanic Writing/Dreams/Guinea-Bissau/Kyangyang

## Terramoto, sombra, o início do mundo

O *Kyangyang* foi um movimento não organizado de pessoas que diziam ouvir a voz de *Nhala* (Deus em balanta). Essa voz surgiu de modo sincronizado a um vasto grupo de pessoas, provocando a deslocação de milhares de indivíduos até à povoação de Bedanda, onde se juntaram a uma mulher chamada Ntombikte, que, por ter sido uma das primeiras pessoas a ouvir essa voz, os acolhia em sua casa (Callewaert, 2000). Toda esta movimentação social aconteceu numa fase muito delicada da história política da Guiné-Bissau. Nino Vieira tinha tomado o poder no dia 14 de novembro de 1980 apoiado por um grupo de militares que acusavam o anterior governo do assassinio de um considerável número de membros da comunidade balanta (Cardoso, 2000). Nino acabou por estabelecer uma ditadura sangrenta que perseguiu o *Kyangyang* (Cardoso, 1990).

«Tudo começou com um pequeno terramoto...» (T. Jorge, conversa, 2020), disse Tio Jorge, baixinho, sacudindo um dos seus braços, de olhos fixos nos meus, como se estivesse a sentir esse mesmo terramoto naquele preciso momento. O Tio Jorge é o irmão mais novo de Ntombikte, que, durante um breve período, foi também apanhado pelo *Kyangyang*. Sem receio dos silêncios que habilmente utilizava, a voz saía-lhe como se as palavras fossem o som da própria respiração. O seu tom de voz baixo e preciso, ao fundir-se com o calor tórrido da época seca, erguia uma espessa parede de silêncio em redor. Desenhou um pequeno círculo com o dedo indicador na poeira sob os seus pés. Logo a seguir, traçou uma linha ondulante que partia do exterior para o centro do círculo. O seu dedo indicador pressionava levemente a poeira solta por cima da terra rija gretada pelo calor. Ao desenhar este simples diagrama, Jorge passou para a história de Ntombikte — a partir do diagrama que desenhara no chão e que incluía um círculo, o seu epicentro e uma linha que penetrava no círculo até chegar ao epicentro. Todos estes elementos representavam o campo de forças do *Kyangyang* e a sua comunidade espiritual. Era como um terramoto que varria uma paisagem

a partir de um epicentro provocando deslocações tectónicas na topografia social Balanta. Segundo Jorge, esse terramoto foi sentido com enorme intensidade por algumas pessoas, entrando mesmo nos seus corpos. Primeiro, tremeu o chão, e depois os corpos daqueles que se encontravam sobre essa superfície. O tremor de terra foi muito breve, mas alguns daqueles que apanhou continuaram a tremer, nalguns casos cada vez mais intensamente ao longo dos anos. Esse tremor veio acompanhado da voz de *Nhala*, que revelou a Ntombikte que o seu nome era na verdade *Kyangyang*, ou seja, *Sombra* (Callewaert, 2000, p. 70). E, tal como o tremor físico, a voz de *Nhala* foi crescendo de intensidade, trazendo revelações, e imagens, cada vez mais pujantes e disruptivas, levando a que uma multidão de gente apanhada pelo *Kyangyang* abandonasse as suas aldeias em direção à casa de Ntombikte (Sarró & Temudo, 2020).

«Eles ficavam estranhos. Uma pessoa apanhada pelo *Kyangyang* já não era ela mesma, era outra coisa... os outros não a entendiam. Era como se já não pudesse fazer o que ela queria, como se fosse comandada por uma coisa que lhe tinha entrado no corpo. Tremiam cada vez mais, até que abanavam o tronco e depois o corpo todo. Depois, quando ficava toda apanhada, a pessoa já não podia fazer nada. O *Kyangyang* empurrava-a para a frente e a pessoa saía a correr sem sentido nenhum! Lembravam-se de tudo aquilo como se fosse um sonho que lhes abria a cabeça e dava poderes curativos», contou-me Keba (K. Keba, conversa, 2019). O terramoto de Bedanda soltou uma poderosa torrente de imagens. Imagens de seres humanos dominados por forças desconhecidas; imagens de luzes poderosas que iluminam tudo o que anteriormente estaria envolto pela treva; de mortos que regressavam em sonhos para salvar os vivos. Um terramoto que varreu os corpos de fora para dentro ou um terramoto imaginado e sentido interiormente como se fosse exterior. Joop de Jong contou-me que Ntombikte se dirigia à multidão *Kyangyang* vibrando o seu braço direito no ar, ao que a turba respondia vibrando em ondas que ganhavam volume e depois se dissipavam: «Olhar para aquela

enorme multidão era como olhar para a superfície de um lago sobre a qual, de repente, soprava uma rajada de vento.» (J. de Jong, conversa, 2020)

Guiando o olhar de Ntombikte sobre o mundo, *Nhala* conduziu-a através de uma revelação das propriedades curativas das plantas e de um processo de autodescoberta da escrita que a levaria a uma (re)escrita de si. Além de ser uma história de luzes e sombras, o *Kyangyang* é também o momento fundador de toda uma nova compreensão da projeção das imagens sobre a matéria, mas agora definida por uma narrativa contemporânea balanta na qual a sombra já não é o resultado da projeção da luz sobre o corpo, mas a força que se projeta sobre o corpo, apanhando-o, e dominando-o. Ntombikte foi apanhada pela *Sombra*. Todo o seu ser foi avassaladoramente circunscrito e preenchido pela *Sombra*. Numa sombra com vida própria. Numa sombra materializada em corpo. Ser sombra. Uma sombra feita pessoa, uma sombra-corpo que abalava noções estabelecidas de ontologia humana, uma ameaça para a sociedade (Barroca, 2020). Sendo provavelmente por isso que o novo Estado independente da Guiné-Bissau olhou para o *Kyangyang* como uma perigosa patologia mental/social que era urgente controlar dentro das paredes do novo hospital psiquiátrico de Bissau, que Joop de Jong havia concebido para responder às sequelas da guerra de libertação de 1963–1974 (de Jong, 1987; de Jong & Reis, 2013).

Foi num ambiente muito sufocante que os guineenses viveram até 7 de junho de 1998, quando rebentou uma guerra civil no país. Do hospital psiquiátrico de Joop de Jong, restaram apenas destroços após um bombardeamento. O desejo de resolver o trauma de uma guerra, a colonial ou de libertação, ironicamente acabou estilizado por outra guerra, a civil. Com a destruição da infraestrutura que os acolhia, os pacientes subitamente sem abrigo, de entre eles alguns *Kyangyang*, vagueavam como zombies numa cidade campo de batalha pejada de cadáveres. Sónia ainda se lembra, anos depois da guerra civil, «de ver um homem no Bairro da Ajuda a correr

em direção a um poste de eletricidade e acertar-lhe em cheio com a cabeça. Rachou o crânio com toda a força e, sangrando abundantemente pelo rosto abaixo, dizia libertar-se de um espírito maligno que sairia do seu corpo através da abertura craniana que acabara de autoinfligir». O corpo *Kyangyang* explodia no espaço. Era um corpo invadido por imagens disruptivas que reproduzia ou transformava em novas imagens. Cujas orgânicas estavam em relação com o corpo sem órgãos de Artaud porque se reinventava após choques violentos com o mundo, mas que não se deixava ostracizar por uma ordem social hegemónica, criando nichos, por vezes muito difíceis de identificar, que lhe davam uma enorme resiliência dentro do espaço social no qual surgiu.

Victor Bor trazia na mão o seu volumoso caderno feito de complexas camadas de páginas arrancadas, pequenos papéis rasgados, bocados de papelão envelhecido, todos eles trabalhados entre o escrito e o desenhado, e colocados uns por cima dos outros dentro da capa dura do caderno. Victor continuava a reverberar o terramoto de 1985. A sua escrita funcionava como um sismógrafo e tinha o poder de curar. Ao mesmo tempo que a vibração do terramoto entrava no corpo e se transformava em comportamento, as fissuras provocadas pelo terramoto atravessavam o corpo e saíam pela mão transformadas em linhas, que, inscritas no papel, sistematizavam a cura. Mas ao mesmo tempo que contava o surgimento da escrita como um acontecimento divino, falava dessa escrita como um processo de vida, ou seja, como um fluxo que nunca acabava, com o qual foi crescendo ao longo da vida até morrer em dezembro de 2023. É impossível não fazer a ligação entre as descrições que Victor Bor fazia das aparições do *Kyangyang* — como uma explosão de luz que acontecia dentro da sua cabeça e iluminava o mundo à sua volta — com as descrições dos bombardeamentos de *napalm* da força aérea portuguesa durante a guerra de libertação. «Os aviões sobrevoavam os arrozais e largavam bolas de fogo que consumiam tudo. A noite ficava dia!» / «Eu via aquelas luzes nos meus sonhos e a noite ficava dia!» Os dois temas entrelaçavam-se constantemente



Fig. 1 Victor Bor mostrando um dos seus cadernos. Imagem: Daniel Barroca

nas nossas conversas e ambos eram descritos como explosões que alteraram para sempre a sua visão do mundo. A diferença é que um, a guerra, foi uma experiência do fim do mundo, e o outro, o *Kyangyang*, foi o início do mundo.

## Referências Bibliográficas

- Barroca, D. (2020). Terramoto, sombra, corpos explosivos: Imagens do *Kyangyang* da Guiné-Bissau. *Convocarte, Revista de Ciências Da Arte*, 10(Arte e Loucura), 241–256.
- Callewaert, I. (2000). *The birth of religion among the Balanta of Guinea-Bissau*. Department of History of Religions, University of Lund.
- Cardoso, C. (1990). Ki-Yang-Yang: Uma nova religião dos Balantas? *Soronda-Revista de Estudos Guineenses*, 10, 3–16. INEP.
- Cardoso, C. (2000). Compreendendo a crise de 7 de Junho na Guiné-Bissau. *Soronda Especial 7 de Junho*, 87–104.
- de Jong, J. (1987). *A descent into African psychiatry*. Royal Tropical Institute.
- de Jong, J., & Reis, R. (2013). Collective trauma processing: Dissociation as a way of processing postwar traumatic stress in Guinea Bissau. *Transcultural Psychiatry*, 50(5), 644–661.
- Sarró, R., & Temudo, M. P. (2020). The shade of religion: *Kyangyang* and the works of prophetic imagination in Guinea-Bissau. *Social Anthropology*, 2, 451–465.

## Entrevistas

- de Jong, J. (2020). *Lisbon-Amsterdam*.
- Jorge, T. (2020). *Bedanda*.
- Kebi, K. (2019). *Unal*.